

**Paulo Afonso Rheingantz<sup>1</sup>**

Doutor, Arquiteto, Professor Aposentado, Quadro Permanente do PROARQ/FAU-UFRJ,  
Pesquisador Visitante Nacional Sênior e Quadro Permanente do Programa de Pós-graduação em  
Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas/RS

Líder do grupo Qualidade do Lugar e Paisagem (ProLUGAR)<sup>2</sup>

Link de acesso ao Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7765118835668681>

**TECENDO A QUALIDADE DO LUGAR:  
cartografando controvérsias de urbanidade em lugares híbridos**

3

[Proc. CNPq 301149/2013-5 – 2014/2018]

**Palavras-chave:**

*qualidade do lugar, cultura contemporânea, cartografia de controvérsias, urbanidade, lugares híbridos*

**RELATÓRIO FINAL**

Abril 2018

---

<sup>1</sup> Pesquisador 1D do CNPq a partir de agosto/2013.

<sup>2</sup> URL < <http://prolugar.fau.ufrj.br/> >

<sup>3</sup> Projeto vinculado à linha de pesquisa *Cultura, Paisagem e Ambiente Construído*, ao grupo de pesquisa *Qualidade do Lugar e Cultura Contemporânea – ProLUGAR*, do Programa de Pós-graduação em Arquitetura – PROARQ da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

**TÍTULO:**

***TECENDO A QUALIDADE DO LUGAR: cartografando controvérsias de urbanidade em lugares híbridos***

**1. INTRODUÇÃO****Descrição:**

Projeto de pesquisa contemplado com bolsa produtividade CNPq vinculado à linha de pesquisa Cultura, Paisagem e Ambiente Construído (PROARQ-UFRJ), atenta para os atravessamentos postos em cena pelos dispositivos tecnológicos e as diferentes traduções que ensejam, destacando a noção de lugares híbridos. Alinha-se com o campo de estudos multidisciplinar Ciência-Tecnologia-Sociedade (CTS), com ênfase na Teoria Ator-Rede (TAR) ou Sociologia da Tradução. Também contemplado com fomento do CNPq Edital Universal 2012 - proc. 475549/2012-0 [R \$ 33.023,18) não informado em função do sistema não possibilitar novo lançamento vinculado ao CNPq

**Alunos envolvidos:**

Graduação (4); Especialização (0); Mestrado acadêmico (6); Doutorado (6)

**Integrantes:**

Paulo Afonso Rheingantz (Responsável); Denise de Alcantara; Ramon Silva Carvalho; Rosa Maria Leite Ribeiro Pedro; Cláudia Rioja de Aragão Vargas; Ana Maria Szapiro; Rafael Barreto de Castro; Ana Paula Ribeiro de Araújo; Luiz Antonio Ferreira das Neves; Fabíola Belinger Angotti; Valeria R. Martins; Giselle Arteiro Nielsen Azevedo; Domitila Velasco Vanzillotta; Lorrana Guimarães; Antonio José Peixoto Costa; Juliane Figueiredo Fonseca; Macklaine Miletho Silva Miranda; Rodrigo da Cunha Nogueira; Alessandra Costa; • Natália Queiroz Corrêa e Castro; Rodrigo das Neves Costa; Felipe Rohen; Mariana de Castro Moreira; Iara Salvo Rocha; Antonio Nogueira Leitão; Cristiana de Siqueira Gonçalves; Ana Paula Cunha; Luciana Santos Guilhon Albuquerque; Mariama Augusto Furtado; Diva Lucia Gautério Conde; Pérola Grimberg; André Luis Soares e Silva Pereira; Nebora Lazzarotto Modler; Marcelo Hamilton Sbarra; Maria Lujie Botelho dos Santos

**Número de produções C,T & A:** 73 (setenta e três)

**Número de orientações:** 9 (nove)

**2. OBJETIVOS****2.1 Objetivo Geral**

O principal objetivo da pesquisa é dar seguimento à revisão da base conceitual do entendimento de lugar e urbanidade, bem como suas aplicações nos trabalhos de campo, considerando os atravessamentos postos em cena pelos dispositivos tecnológicos e as diferentes *traduções* que ensejam, destacando a noção de *lugares híbridos*.

**2.2 Objetivos Específicos**

- *Consolidar* a produção conjunta dos grupos *ProLUGAR – Qualidade do Lugar e Paisagem e Cultura Contemporânea: subjetividade, conhecimento e tecnologia*.
- *Contornar* os obstáculos que as categorizações da lógica moderna e suas tradicionais relações dicotômicas – pessoa-ambiente, sujeito-objeto, sociedade-natureza, interior-exterior – impõem ao entendimento de qualidade do lugar e urbanidade na Atualidade.
- *Analisar* as ressonâncias dos dispositivos tecnológicos na configuração, percepção e uso de ambientes ou lugares urbanos.

- *Explorar* a noções de *lugares híbridos* e seus efeitos nas formas de subjetivação e sociabilidade contemporâneas.
- *Promover* um workshop, previsto para o segundo período de 2013, com a participação da equipe técnica e dos consultores da pesquisa com vistas a discutir e validar os resultados dos estudos relativos ao entendimento de lugar e urbanidade.
- *Divulgar* os resultados do workshop em um livro com o mesmo título deste projeto de pesquisa.

### 3. ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

Originalmente o projeto previa os seguintes procedimentos/etapas de desenvolvimento:

**Etapa 1: Revisão Bibliográfica** – continuidade à revisão bibliográfica iniciada em 2010 na pesquisa TECENDO A QUALIDADE DO LUGAR: cartografando narrativas e experiências de urbanidade [Proc. CNPq 303365/2010-2] – revisão crítica de autores do campo CTS e das áreas conexas do projeto, com ênfase: (a) nas implicações de uma concepção sociotécnica para a superação das dicotomias sujeito-objeto, humano-não-humano, pessoa-ambiente; (b) nas consequências da presença dos dispositivos tecnológicos no entendimento de *lugares híbridos* e *urbanidade* na Atualidade; (c) nas ressonâncias em termos dos processos de subjetivação e da constituição do laço sociotécnico na contemporaneidade.

Às referências indicadas na proposta inicial da pesquisa, foram incorporadas:

- AKRICH, M. The De-Description of Technical Objects. In W. Bijker e J. Law (Edits.) *Shaping Technology / Building Society*. Cambridge: MIT Press, 1992, p. 205-224.
- AMIN, A.; THRIFT, N.. **Cities: Reimagining the Urban**. Cambridge: Polity Press; Blackwell Publishing, 2002.
- AMIN, A.; TOMANEY, T. **Behind the Mith of European Union**. Nova Iorque: Routledge, 2005.
- ANGOTTI, F. B.; SBARRA, M. H.; RHEINGANTZ, P. A.; PEDRO, R. M. L. R. A Cidade na Perspectiva Sociotécnica: ontologias políticas, agenciamentos urbanos e lugares híbridos. In **VIRUS 14** [online]. Disponível em <http://www.nomads.usp.br/virus14/?sec=4&item=1&lang=pt> acesso em 26jul2017.
- BIJKER, W. E.; HUGUES, T. P.; PINCH, T. (ed.) **The social construction of technological systems – new directions in the sociology and history of technology**. Cambridge: MIT Press, 2012.
- BLOK, Anders; FZRIAS, Ignacio (Orgs.). **Urban Cosmopolitics: agencements, assembles, atmospheres**. Nova Iorque: Routledge, 2016
- BRUNO, F.. **Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade**. Porto Alegre: sulina, 2013.
- CALLON, M.. Le travail de la conception en architecture. In *Situations: Les Cahiers de la Recherche Architecturale*, n 37, jan-mar 1996, p. 25-35..
- CASTRO, E. V. Cosmological Diexis & Indian Perspectivism. In *The Journal of the Royal Anthropological Institute*, Vol. 4, No. 3 (Sep., 1998), pp. 469- 488.
- CASTRO, R. B.. **Dispositivos de segurança: performances de governo articuladas às câmeras de vídeo**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013. Tese [Doutorado em Psicossociologia]
- COAFFEE, J.; WOOD, D. M.; ROGERS, P. **The Everyday Resilience of the City: how cities respond to terrorism and disaster**. New York: Palgrave Macmillan, 2009
- CROS, S.. **The Metapolis Dictionary of Advanced Architecture – city, technology and society in the information age**. Barcelona: Actar, 2003.
- ÇINAR, A.; BENDER, T. (edits.) **Urban Imaginaries - Locating the Modern City**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2007.
- FALLAN, K. Architecture in action: Traveling with actor-network theory in the land of architectural research. In *Architectural Theory Review*, v. 13, n. 1, 2008, p. 80-96.
- FARIAS, I.; BENDER, T. (Eds.) **Urban Assemblages – How Actor-Netowirk Theory Changes Urban Studies**. Londres; Nova Iorque: Routledge, 2010.
- . Assemblages without systems: From the problem of fit to the problem of composition. In *Dialogues in Human Geography*, 2017, Vol. 7(2) 186–191.
- . Planes Maestros como Cosmogramas: La articulación de fuerzas oceánicas y ofmas urbans tras el Tsunami de 2010 en Chile. In *Revista Pléyade* 14, jul-dez 2014, p. 119-142.
- . Ensamblajes urbanos: la TAR y el examen de la ciudad. In *Athenea Digital* - 11(1) mar 2011, p. 15-40.

- FLORES, M. L. R.; ALBUQUERQUE, S. S. de. (Orgs.) Implementação do Proinfância no Rio Grande do Sul: perspectivas políticas e pedagógicas. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2015.
- GIRALT, I. R.; GÓMEZ, D. L.; LÓPEZ, N. G. Conviction and commotion: on soudspheres, technopolitics and urban spaces. In Farías; Bender (2010), p. 179-196.
- GRAHAM, S. Splintering Networks: Cities and Technical Networks in 1990s Britain. In **Urban Studies**, v.34, n.2, p. 191-216, Abril 1997.
- . In Search of the City in Spatial Strategies: Past Legacies, Future Imaginings in **Urban Studies**, v. 42, n.8, p. 1391–1410, Julho 2005.
- (Edit.). **The Cibercities Reader**. Londres: Routledge, 2004.
- GUY, S.; GRAHAM, S.; MARVIN, S. Splintering Networks: Cities and Technical. In **Urban Studies**, Vol. 34, No. 2, 191± 216, 1997
- HARAWAY, D. *Se nós nunca fomos humanos, o que fazer?* Entrevista concedida a Nicholas Gage, 2012. Disponível em <<http://www.pontourbe.net/edicao-traducao>> acesso em 23ago2014.
- . **Saberes Localizados**: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial, in **Cadernos Pagu**5, 07-41, 1995.
- HAYS, K. M. (ed.) **Architecture Theory since 1968**. New York: MIT Press, 2000.
- JENCKS, C. **Iconic buildings**: the power of enigma. London: Frances Lincoln, 2005.
- . **The story of post-modernism**: five decades of the ironic, iconic and critical in Architecture. London: Wiley, 2011.
- JENCKS, C.; KROPF, K. (ed.) **Theories and Manifestoes of Contemporary architecture**. London: Wiley, 2006.
- KNORR-CETINA, K.. **La fabricación del conocimiento – un ensayo sobre el carácter constructivista y contextual de la ciencia**. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2005.
- KRAUSE, M. GUGGENHEIM, M. How facts travel: The model systems of sociology. In **Poetics**, 2012 p. 1-18.
- LATOUR, B.. **Investigación Sobre Los Modos de Existencia**. Buenos Aires: Paidós, 2013.
- LATOUR, B.; YANEVA, A. 'Give Me a Gun and I will Make All Buildings Move': An ANT's view of Architecture. In Geiser, R. (ed.) **Explorations in Architecture: Teaching, Design, Research**, Basel: Birkhäuser, 2008, p. 80-89.
- LAW, J.; RUPPERT, E. (edit.) **Modes of Knowing: Resources from the Baroque**. Manchester: Mattering Press, 2016.
- LEMOS, A.. **A comunicação das Coisas: Teoria ator-Rede e Cibercultura**. São Paulo: Annablume, 2014.
- MCFARLANE, C. Assemblage and critical urbanism, In **City**, 15:2, 2011, p. 204-224,
- MEDINA, E.; MARQUES, I. da C.; HOLMES, C. (Edits) **Beyond Imported Magic: essays on science, Technology and Society in Latin America**. Cambridge: The MIT Press, 2014.
- MOL, A.. **Política Ontológica. Algumas ideias e várias perguntas**. In J. Nunes; R. Roque, [Orgs.] **Objetos Impuros: Experiências em Estudos sobre a Ciência**. Porto: Edições Afrontamento, 2008, p. 63-77.
- MONEO, R.. **Paradigmas fin de Siglo. Los Noventa, entre la Fragmentación y la Compacidad**. In **Arquitectura Viva**, 66, 1999.
- MONTANER, J. M.. **A Condição Contemporânea da Arquitetura**. Barcelona: Gustavo Gili, 2016.
- \_\_\_\_\_. **Depois do movimento moderno**: Arquitetura da segunda metade do século XX. Barcelona: Gustavo Gili, 2001.
- \_\_\_\_\_. **As formas do século XX**. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Sistemas arquitetônicos contemporâneos**. Barcelona: Gustavo Gili, 2009.
- MONTANER, J.; MUXÍ, Z. **Arquitetura e Política**: ensaios para mundos alternativos. Barcelona: Gustavo Gili, 2014.
- NETTO, V. M. **Cidade & Sociedade**. Porto Alegre: Sulina, 2014.
- NUNES, J. A.; ROQUE, R. (Orgs.) **Objetos Impuros – Experiências em estudos sobre a Ciência**. Porto: edições Afrontamento, 2008.
- OUDSHOORN, N.; PINCH, T. (edit.) **How Users Matter: the co-construction of users ans technology**. Cambridge, Londres: The MIT Press, 2005.
- PEIRCE, C. S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- RHEINGANTZ, P. A.. **Espacialidades. Arqutextos Vitruvius** 190.02, ano16, mar2016, p. 1-10. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqutextos/16.190/5989>> acesso em 11jul2017.
- \_\_\_\_\_. **Abordagem Sociotécnica do Projeto de Arquitetura. Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo** 2016.1 66. Disponível em <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgau>> acesso em 11jul2017.
- \_\_\_\_\_. **Tecendo a Qualidade Do Lugar**: cartografando narrativas e experiências de urbanidade. Rio de Janeiro: UFRJ, 2014. [relatório de pesquisa]
- RHEINGANTZ, P. A.; PEDRO, R.; ANGOTTI, F. B.; SBARRA, M.. **Arena do morro e Museu do Amanhã: Dois lugares em ação. Urbe – Revista Brasileira de Gestão Urbana**, v9n3, set2017. [no prelo]

- RHEINGANTZ, P. A.; PEDRO, R. M. L. R.; SZAPIRO, A. M. (Orgs.) **Qualidade do Lugar e Cultura Contemporânea: modos de ser e habitar as cidades**. Porto Alegre: Sulina, 2016.
- SALEM PRESS (Edit.) **The Impacts of Technological Change**. Salem Press, 2011.
- SKIES, A. Krista (Org.) **O Campo ampliado da arquitetura. Antologia Teórica 1993-2009**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- SOJA, E. W. **Seeking Spatial Justice (Globalization and Community)**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2010.
- SOLÀ-MORALES, I. **Diferencias: Topografía de la Arquitectura Contemporánea**. Barcelona: Gustavo Gili, 1995.
- . **Liquid architecture**. Cambridge: MIT Press, 1977.
- THRIFT, N.. 'An urban impasse?', in **Theory, Culture & Society**, 10(2), p. 229-238.
- . **Non-Representational Theory**. Nova Iorque: Routledge, 2008.
- TIRADO, F. LÓPEZ, D. (Orgs.) **Teoría del Actor-Red. Más allá de los estudios de ciencia y tecnología**. Amentia Editorial: Barcelona, 2012.
- VENTURINI, T.. Diving in Magma: How to Explore Controversies with Actor-Network Theory. In **Public Understanding of Science** 19(3) 2010, p. 258–273.
- VENTURINI, T.; RICCI, D. MAURI, M. KIMBELL, L. MEUNIER, A. Designing Controversies and Their Publics. In **Design Issues** · July 2015, p. 1-22.
- . Building on Faults How to Represent Controversies with Digital Methods. In **Public Understanding of Science** [no prelo]
- YANEVA, A.. **The Making of a Building: A Pragmatist Approach to Architecture**. Berna: Peter Lang, 2009.
- . **Mapping Controversies in Architecture**. Ashgate: Burlington, 2012.

## Etapa 2: Entrelaçando saberes e práticas

Cartografar os significados contemporâneos de qualidade do lugar e urbanidade dado seu atravessamento pelos dispositivos tecnológicos, buscando explorar a noção de lugares híbridos. Aqui, será avaliada a possibilidade de realização de um estudo empírico com vistas a explorar a noção de lugares híbridos.

No processo de cartografar os lugares híbridos, buscaremos seguir os atores e evidenciar as controvérsias, através de alguns movimentos mínimos (Pedro, 2010): (1) Buscar uma porta de entrada ou uma forma de entrar na rede e acompanhar a dinâmica que seus movimentos permitem traçar; (2) Identificar os *portavozes* que "falam pela rede" e são capazes de traduzir a expressão de outros atores, inclusive as "vozes discordantes"; (3) Acessar os *dispositivos de inscrição* – tudo que possibilite uma exposição de qualquer tipo – visual, em textos e documentos – de modo a "objetivar" a rede; (4) Mapear as associações entre os atores-rede, delineando as relações que se estabelecem entre os diversos "atores" e que configuram a rede.

## Etapa 3: Ampliando a discussão

Etapa envolveu a Organização e realização do *II Workshop Qualidade do Lugar e Cultura Contemporânea: cartografando lugares híbridos*. No dia 11 de dezembro de 2015 foi realizada uma jornada preparatória no Instituto de Psicologia, aberta pelos profs. Paulo Rheingantz, Rosa Pedro e Ana Szapiro, que reforçaram os interesses comuns e interfaces em sua parceria. A seguir a profa. Dois egressos do doutorado em Arquitetura do PROARQ, Denise de Alcântara (Arquitetura/UFRJ) e Ramon Carvalho (Engenharia/UERJ) relatam suas trajetória de pesquisa com foco, respectivamente, na "qualidade do lugar" e sobre a experiência na Vila Autódromo e importância de entrar no micro da cidade. O prof. Vinicius Netto (Arquitetura/UFRJ) por sua vez, discorre sobre as relações entre comunicação e espaço e a experiência compartilhada da cidade e de sua estrutura física como mediadora da urbanidade. Na sequência, os doutorandos dos grupos de pesquisa ProLUGAR/PROARQ Fabiola Belinger e Rodrigo Costa relatam suas pesquisas envolvendo, respectivamente, qualidade do lugar e suas perspectivas de políticas ontológicas no contexto do "Porto Maravilha" e o papel da arquitetura e seus espaços fluidos – *mutable mobiles* – e na construção social da cidade. Na sequência, as doutorandas em Psicologia, Luciana Albuquerque, Ana Paula Rodrigues, Cristiana Gonçalves, Beatriz Almeida e os mestrandos Ulisses Carvalho, Jessica David e a graduanda bolsista de IC Micaela Diniz relatam o andamento de suas pesquisas, respectivamente envolvendo os seguintes temas: redes sociais [facebook]; LinkedIn: visibilidade e vigilância na contemporaneidade e os desafios de pesquisas com os não-humanos; consumo de medicamentos para aprimoramento dos indivíduos; relações entre trabalho clínico, atendimento não centrado na pessoa e a

construção coletiva dos sentidos ou modos de ser e habitar a cidade; gameficação da vida nas academias de ginástica, wearebles e do trabalho; pensar a TAR como método e cartografar as controvérsias, questões, impasses, limites em uma pesquisa que é processual; a influência das tecnologias, políticas, programas e tratamento de pacientes e sua relação com o ser e o viver na cidade e como a cidade [saudável] cuida de suas vidas. Ao final do encontro, foi proposta e aprovada a modificação do título do *II Workshop Qualidade do Lugar e Cultura Contemporânea: modos de ser e habitar a cidade* [QLCC: mshc].

Realizado nos dias 3 e 4 de setembro de 2016 no Instituto de Psicologia da UFRJ O II Workshop QLCC: mshc acolheu 73 (setenta e três) inscritos vinculados a seis instituições – UFRJ 51 (cinquenta e um), UFF 11 (onze), UERJ 6 (seis) UFRJ 1 (um), UNOCHAPECÓ 1 (um), IBMR 1 (um) e 1 (um) sem instituição. Diante do impedimento do prof. Dany-Ronert Dufour (Université Paris 8) a palestra de abertura, proferida na manhã do dia 3/9 contou com 27 (vinte e sete) presentes, *Modos de Ser e Habitar a Cidade*, foi proferida pelo Prof. Emérito da ECO/UFRJ Marcio Tavares d'Amaral. A Mesa Redonda 1 – *Perversões e Insolências na Cidade*, mediada pela profa. Ana Szapiro, que contou com 31 (trinta e um) presentes, teve como palestrantes os profs. Robert Moses Pechman (IPPUR/UFRJ) e Luiz Antonio Baptista (Psicologia/UFF). A Mesa Redonda 2 – *Territórios e Políticas Públicas* – 25 (vinte e cinco) presentes – foi mediada pelo prof. Paulo Rheingantz e contou com as professoras Giselle Azevedo e Vera Tangari (PROARQ/UFRJ) e Irme Bonamigo (Psicologia UNOCHAPECÓ). A Mesa Redonda 3 – *Deslocamentos e Territórios* – 40 (quarenta) presentes – foi mediada pela Profa. Rosa Pedro e contou com as professoras Márcia Moraes e Marília Silveira (Psicologia/UFF) e Denise de Alcântara (Arquitetura/UFRJ). A título de encerramento, do workshop, os pesquisadores, palestrantes presentes e orientandos de IC, mestrado e doutorado vinculados aos grupos de pesquisa Qualidade do Lugar e Paisagem (ProLUGAR) e Cultura Contemporânea: subjetividade, conhecimento e tecnologia apresentaram suas considerações e avaliações sobre o evento e os efeitos e desdobramentos de seus trabalhos futuros.

#### **Etapa 4: Redação do relatório final e dos originais de um livro**

Em função da modificação do cronograma para tentar viabilizar a vinda do palestrante internacional Dany-Robert Dufour – que acabou não sendo possível – quando o workshop foi realizado, o livro de mesmo nome já estava em fase de impressão na Editora Sulina. Essa modificação resultou na antecipação do trabalho de elaboração, revisão e edição dos capítulos do livro. Antecedendo a realização do Workshop, os organizadores do livro – Paulo Rheingantz, Rosa Pedro e Ana Szapiro – solicitaram que os palestrantes e os demais autores-parceiros preparassem previamente seus artigos/capítulos do livro. Com isso, o trabalho de elaboração, revisão e edição dos capítulos do livro antecedeu o workshop.

O livro com 398 páginas e formato 23 x 16 cm e tiragem de 700 unidades, foi editado e impresso pela Editora Sulina de Poreto Alegre/RS, foi organizado da seguinte forma: Apresentação (Paulo Rheingantz, Rosa Pedro e Ana Szapiro), Política da Cidade (Dany-Robert Dufour); Silêncio e tempestade no Rio de Janeiro. Insolências da arte à cidade (Luiz Antonio Baptista); O *phatos* na Cidade (Ana Maria Szapiro); Arquiteturas do Abandono - Agenciamentos entre psicanálise e cidade na contemporaneidade (Eduardo Rocha); Lugares em ação, laboratórios de urbanidade (Paulo A. Rheingantz); Cidade e entropia social (início de M. Netto); Cidade, o celular e a célula (Marília Amorim); No avesso dos cartazes, a cidade perversa (Robert M. Pechman); Videovigilância e megaeventos: a rotinização da excepcionalidade nas práticas de segurança pública no Rio de Janeiro (Rosa M. L. R. Pedro e Rafael B. C. Castro); A cidade, uma viagem: saúde mental, cuidado em liberdade (Marília Silveira e Marcia Moraes); O cuidado na Cidade saudável (Ana M. Szapiro, Amanda Salvador, Lara G. de Oliveira e Micaela Siano); Perambulando pelo centro histórico de Lisboa: o *flâneur*, urbanidade e as qualidades visuais da cidade (Vicente del Rio); O Centro do Rio de Janeiro, suas mutações e multiplicidades: uma reflexão enviesada sobre a cidade contemporânea (Denise de Alcântara); Porto Maravilha em ação: uma perspectiva sociotécnica do lugar (Fabiola B. Angotti); Quem foi um milionário? Embates, remoções, indecisões e indenizações na Vila Autódromo no Rio de Janeiro (Ramon S. de Carvalho); Do espaço escolar ao território educativo: um olhar ampliado sobre o lugar pedagógico da educação integral (Giselle A. N. Azevedo, Vera R. Tangari e Ana Beatriz G. de Faria); Diagnóstico Rápido Urbano Participativo (DRUP): uma ferramenta para processos

participativos em habitação de interesse social (Nirce S. Medvedovski e Hélien V. Kerkhoff). O texto da orelha foi elaborado pelo prof. Pedro Paulo Gastalho de Bicalho do IP/UFRJ.

Foram organizados dois lançamentos, um no Rio de Janeiro, em maio de 2016 e outro em Pelotas, em setembro de 2016 com a presença dos organizadores e de alguns dos autores locais.

#### 4. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Em seu percurso exploratório a pesquisa se orienta por alguns princípios: que os pesquisadores são interfaces que aprendem (Latour 2008), que edifícios e lugares em ação Considerando a duplicidade que caracteriza os edifícios e lugares, simultaneamente como tecnologias e como tipos (Guggenheim 2010) que têm localização e forma estável – são *singulares* – ao mesmo tempo em que podem acolher *diferentes usos* – podem ser transformados em outro tipo de construção com relativa facilidade, apesar de aparentemente intactos. Por operarem simultaneamente com diferentes usos e atores, edifícios e lugares em ação podem ser qualificados como tecnologias instáveis, quasetecnologias (Guggenheim 2010) ou *imóveis mutáveis* (Latour 2000; Guggenheim 2010). Como decorrência, parte do pressuposto de que **os edifícios e lugares não são objetos estáticos** (Latour; Yaneva 2008). Transformados por seus usuários, pelos novos dispositivos e sistemas tecnológicos, pelas ações que acontecem em seu interior e exterior eles **são objetos em movimento, 'em ação', mesmo depois de construídos**. Por fim, relaciona o entendimento de *interfaces* proposto por Serres (1999) e o problematiza com a noção de fronteira e a clássica separação linear de território, “que está sendo reinventada com base em novas tecnologias, vigilância, fronteiras e tecnologias” (Graham *apud* Fariás 2010b: 203).

Seguindo a mesma linha de *Tecendo a Qualidade do Lugar: cartografando narrativas e experiências de urbanidade* [Proc. CNPq 303365/2010-2], a pesquisa refina e/pou aprofunda o entendimento sobre um conjunto de termos alinhados com a pesquisa bibliográfica e considerados relevantes para os desdobramentos da pesquisa antecedente<sup>4</sup> – tais como associação, atores, atualidade, cartografia de controvérsias, coletivo ou rede sociotécnica, coletivo-lugar, controvérsia, espaço, hibridação, lugar de tempo na atualidade, mediação, modernidade, natureza; objeto, sujeito e subjetividade, observação e experiência, relações pós-sociais, sociedade, Teoria Ator-Rede (TAR), tradução, sentido de urbanidade – foram incorporados:

**Encontro CTS-TAR-AU** – o entendimento de que edifícios e lugares são objetos em movimento – em ação – pode contribuir para pensar as associações entre pessoas e coisas, matéria e significado (Fallan2008), ao sugerir uma ontologia alternativa para esses 'objetos' desordenados e evasivos que são os *edifícios* e os *lugares* (Fariás 2010a) e seus modos de 'estar presente' (Fariás; Bender 2010).

**Edifícios e Lugares em Ação** – por operarem simultaneamente com diferentes usos e atores, não são objetos estáticos (Latour & Yaneva, 2008), edifícios e lugares objetos em movimento contínuo; eles são *performados*<sup>5</sup> ou trazidos à existência (Mol 2002) pelas ações e movimentos que ocorrem em seu interior nas redes de objetos, materialidades, tecnologias, natureza, organismos e seres humanos (Fariás 2010a); de modo análogo, *urbanidades* no plural configura um conjunto de múltiplas qualidades que não preexistem nos edifícios, lugares, ruas, etc.. elas *emergem* de múltiplos processos de associações (Fariás 2010a). onde a *ação* tem uma conotação bastante singular, que reflete os movimentos de um coletivo que “faz-fazer” – uma agência que é distribuída. Tomando como materialidades privilegiadas ou *proposições articuladas*, os edifícios e lugares emergem de processos de mediação envolvendo entidades 'técnicas', 'políticas' e 'econômicas'. Corpos, edifícios e lugares seriam, assim, agentes de transformação que se recriam continuamente e nos quais nada se propaga sem transformação ou reapropriação local.

<sup>4</sup> Ver relatório final da pesquisa *TECENDO A QUALIDADE DO LUGAR: cartografando narrativas e experiências de urbanidade* [Proc. CNPq 303365/2010-2]

<sup>5</sup> Cf. Mol (2008: 66), utiliza o termo *performance* para reforçar seu entendimento de que não existe um caminho ou verdade único(a) a ser explorado(a) para o entendimento de que a 'realidade' é muito mais manipulada no curso de uma série de diferentes práticas do que observada. Assim, não existe apenas *um* caminho a ser explorado ou *uma* verdade a ser seguida: as realidades são sempre *múltiplas*.

Para dar conta das conexões que configuram os edifícios e lugares em ação adicionalmente a pesquisa explora outras proposições, como **Interface que aprende** – em ressonância com Latour (2008), enunciar que *edifícios e lugares em ação* como *interfaces que aprendem*, ou *corpos que aprendem* a ser afetados por muitos elementos cuja trajetória dinâmica nos permite observar e registrar aquilo que acontece nos edifícios e nos lugares em ação; **Conhecimento situado** (Law; Mol 2000) – sua produção se dá em condições que podem ser descritas e localizadas (Law; Mol 2000), envolvendo os diferentes materiais que participaram dessa fabricação – inclusive os corpos dos arquitetos. **Políticas Ontológicas** – termo composto cunhado por Mol (2008) no qual ontologia define o que “pertence ao real, as condições de possibilidade com que vivemos” (Mol, 2008, p. 63) e política sublinha o “modo ativo desse processo de modelação, seu caráter aberto e contestado” (Mol, 2008, p. 63). A realidade, em sua dimensão ontológica, é sempre feita, localizada – histórica, cultural e materialmente – e múltipla. Nessa perspectiva, os edifícios e lugares em ação “são negociados por diferentes grupos de atores, articulando simultaneamente componentes materiais e sociais da cidade” (Fárias 2010a: 4). Conhecimento situado e políticas ontológicas reforçam o argumento de que corpos e lugares são transformados em suas configurações, aparências e performances. São ‘objetos’ *prontos para serem usados e sujeitos a futuras modificações*, não “coisas fixas da natureza material” (Knorr-Cetina 2001: 528). Aceitar essa condição amplia os horizontes topológicos para além da espacialidade euclidiana, em direção a *Outras espacialidades*, que se complementam, incluem, misturam e associam.

**Espacialidades da ciência** – ao questionarem a “universalidade” Law e Mol (2000) formulam a pergunta: *se a ciência não é ‘universal’, onde ela se localiza?* Rastreado os fatos científicos a partir dos laboratórios, argumentam que as descobertas e teorias científicas são produzidas em lugares específicos; que os movimentos dos fatos, teorias e matérias-primas da ciência têm a ver com os Correios, com transporte e com a qualidade das redes de dados, o que não significa que sua difusão se resume a um problema de transporte físico; que eles precisam ser tratados como *fatos* quando chegam a seus destinos; que eles precisam ser reconhecidos e estar equipados nos seus contextos: os próximos laboratórios, “o que significa que a *configuração dos fatos-e-contextos deve ser mantida estável*” (Law; Mol 2000: 2). Para formular seu argumento os autores diferenciam quatro espacialidades: euclidiana, das redes, fluida e do fogo.

A **Espacialidade Euclidiana** (Law; Mol 2000) possibilita pensar que os corpos e lugares mantêm sua singularidade “em um espaço euclidiano e seu sistema de coordenadas neutro e pré-existente, que define as condições de possibilidade nas quais os objetos podem existir, exercer a identidade e a experiência de proximidade ou distância” (Law; Mol 2000: 2). Por princípio, todos os objetos e elementos que constituem a materialidade de um lugar precisam ser funcionalmente mantidos no lugar. O espaço euclidiano é aquele “no qual os edifícios são desenhados no papel, mas não o ambiente no qual os edifícios são construídos – e muito menos o mundo no qual eles são vivenciados” (Latour; Yaneva 2008: 82). Mas objetos e lugares se movem no espaço e no tempo. No espaço euclidiano, a distância percorrida e a proximidade com outros atores são determinadas por suas coordenadas cartesianas, que se alteram enquanto o objeto se move. Topologicamente os dois argumentos estão relacionados: para produzir *objetos-formas* e definir o que se entende por **continuidade** no seu deslocamento é necessário produzir simultaneamente as **condições espaciais de possibilidade**. Mas performar continuidade e identidade, ou medir a distância nos termos das coordenadas cartesianas, ou ainda definir as possibilidades das condições espaciais de subsistência dos objetos, demanda *promulgar* o espaço euclidiano, ou seja, fazê-lo existir. Mas a quasereificação da espacialidade euclidiana pelo senso comum pode resultar do desconhecimento do trabalho necessário para produzi-la (Law 2000), levando a uma naturalização desse sentido.

A **Espacialidade das Redes** (Law; Mol 2000) o que importa são as relacionalidades e as conectividades. Ela emerge quando formas e objetos estáveis e singulares configuram um conjunto estável de ligações com outras entidades. Isso acontece porque objetos e elementos materiais ou imateriais se movem e circulam em outros tipos de veículos. Funcionar corretamente na estrutura incerta da espacialidade de uma rede, mantendo a estabilidade e a continuidade das formas e objetos, demanda outra sintaxe. Um lugar precisa que todos os objetos e elementos que o constituem façam seu trabalho: ‘pedir emprestado’ a luz do sol, a energia elétrica, a força e a vontade dos cidadãos e incorporá-los; criar estruturas de relações que garantam que edifícios, vias, ventos, energia elétrica, cidadãos e outras entidades sejam funcionalmente



mantidos no lugar, além de estratégias para garantir a invariância sintática da rede. Como na lógica das redes nos movimentos do espaço cartesiano para o espaço da rede e vice-versa, precisamos associar sua promulgação com os processos de construção e com os modos de performance desse espaço. Um edifício ou lugar em ação é um 'objeto' ou uma 'forma de rede' constante e contínua que pode ser entendido como um conjunto fixo de coordenadas cartesianas de todos os seus elementos fixos. Pessoas, veículos, água e energia se deslocam no espaço cartesiano. O que precisa se manter estável são as posições relativas sintáticas e funcionais das outras entidades que performam ou contribuem para a coerência da cidade – e para seu movimento. Manter a configuração estável demanda muito esforço e trabalho. Mover qualquer coisa entre dois lugares demanda muito trabalho para assegurar que sua forma seja mantida e, assim, garantir a comunicação entre ambos. Por isso é importante compreender como viajam as máquinas e maquinações. Nos séculos XV e XVI os navios portugueses moviam-se relativamente juntos no trajeto Lisboa-Calicut-Lisboa. Eles configuravam uma rede de dupla produção cujo funcionamento tem a ver com o 'móvel imutável' (Latour *apud* Law; Mol 2000): aquilo que se move mantendo sua forma imutável pertence ao espaço de rede ou sintático, enquanto a mobilidade – atributo cartesiano – torna-se possível pela imutabilidade da rede. O móvel imutável lida com duas espacialidades: com o espaço *euclidiano* – no qual um navio permanece imóvel quando está atracado no porto, mas se move quando vai para o mar – e com o espaço de uma *rede* – no qual o navio é imutável.

Segundo Latour (*apud* Law; Mol 2000), é preciso considerar as duas espacialidades interligadas. Em uma primeira aproximação da embarcação ela não se move no espaço. "É a interferência entre os sistemas espaciais que proporciona ao navio suas propriedades especiais" (Law; Mol 2000: 5). Os navios formam redes invariáveis e materialmente heterogêneas, imutáveis porque, pelo menos em teoria, seus diversos componentes prendem-se uns aos outros em seus lugares. "Uma grande rede (com seus ventos, suas estrelas, seus comerciantes e os seus príncipes) implica um *espaço de rede* que torna possível a mobilidade imutável de um objeto – como um navio Português viajando de Lisboa para Calicut" (Law; Mol 2000: 3-4). No entanto, se durante o deslocamento, por algum imprevisto, for necessário trocar um ou mais componentes do navio, o navio se transforma num móvel mutável.

Associando a metáfora da *rede* que constitui um *laboratório* – que também precisa ser transportado – com a noção de **móvel imutável** – o que se move através do espaço regional, mantendo a sua forma – é possível entender 'o global' como uma rede para o transporte de formas invariáveis: informação, descobertas científicas, artefatos tecnológicos.

A **Espacialidade Fluida** (Law; Mol 2000) surge como uma terceira possibilidade para imaginar o global, pois ideias, fatos, informações e tecnologias podem se espalhar com maior ou menor fluidez. A globalização é sobre a fluidez dos movimentos que acontecem quando existe menos controle. A fluidez diz respeito a coisas que são adaptáveis, que mudam de forma e assumem a forma de seus contextos, como os hotéis de uma rede internacional que se espalha pelo mundo. Nela nada é fixo: cada unidade muda de forma conforme o lugar, região e cultura; alguns componentes quebram e são substituídos por outros; componentes e serviços inicialmente não previstos são adicionados. A variação das configurações das diferentes unidades de uma rede de hotéis a transforma em um *móvel mutável*: em lugares distintos o hotel é o 'mesmo objeto' e um 'objeto diferente'. Uma rede de hotéis muda de forma no espaço euclidiano e opera diferente em cada lugar onde é implantada (Law; Mol 2000). Esta característica variável na forma e no conteúdo permite que se 'mova' para tantos lugares no mundo mesmo não sendo uma forma invariável na rede ou no espaço euclidiano. Mas aqui é preciso muita atenção, porque a mutabilidade também se estende para o uso de cada unidade e para os serviços e acomodações ofertados – a qualidade e pureza da água varia de uma região para outra –mas não para sua 'materialidade' e isso torna cada unidade um *imóvel mutável*. Em alguns, a água distribuída atende critérios internacionais. Em outros, não. O mesmo acontece com os sistemas de coleta e tratamento de esgoto, de ar-condicionado; com a qualidade, estabilidade e regularidade de fornecimento de energia elétrica, TV a cabo e Internet. São serviços e sistemas que dependem das condições locais de oferta e dos cuidados de manutenção. Todas essas coisas contam como condições funcionais de sucesso e dependem da qualidade, do esforço de trabalho, das políticas locais, regionais, nacionais e internacionais de economia e turismo. Assim, em lugar de objetos de uma rede falha, pode ser mais útil pensar nas suas unidades como objetos que fluem, mas mantêm sua

forma em diferentes lugares e configurações de rede e, assim, cada unidade *também é um imóvel mutável*. Aqui temos uma *espacialidade fluida* com outro tipo de invariância da forma: são as conexões que fazem uma forma invariável de fluido mudar de modo gradual e incremental. As ligações mudam lentamente seu caráter. As unidades não são exatamente iguais nem funcionam exatamente iguais. Suas funções e formas são diferentes e se modificam na medida em que peças e sistemas são substituídos, modificados ou acrescentados. A forma gradual de adaptação, instalação, gestão e manutenção das unidades em uso permite que cada uma continue operando sem grandes pausas ou interrupções. A *invariância da forma* é garantida com um processo gradual de adaptação com fluxo mais ou menos suave. Ela é fixada por um deslocamento que resiste à ruptura e se mantém constante durante algum tempo. Em lugar de impor projetos rígidos, os projetistas e gestores das unidades do hotel precisam conviver com sua variabilidade. As alterações introduzidas na instalação e na operação de cada unidade indicam que projetistas e gestores também performam com a fluidez de um espaço fluido, cujo interior mantém uma certa constância de forma.

Na **Espacialidade do Fogo** (Law; Mol 2000) a continuidade depende da descontinuidade, da presença da ausência, do movimento ou deslocamento daqui para ali. A topologia do fogo tem a ver com "formas estáveis criadas em padrões de relações de alteridade conjunta" (Law; Mol 2000: 8) segundo três atributos de constância da forma ou continuidade: (a) como um efeito da *descontinuidade*; (b) pela *presença e ausência de Alteridade*; e (c) como efeito do brilho de uma *estrela como padrão de diversidade* simultânea de ausência-e-presença. A perfuração do solo para a ampliação do Metrô do Rio de Janeiro é um bom exemplo. O projeto de uso do "Tatu" – equipamento de perfuração – baseou-se em informações geológicas e das concessionárias de infraestrutura urbana; nos projetos das redes subterrâneas e das fundações dos edifícios existentes; no número de operários e técnicos envolvidos nas operações. Foram analisados os riscos e previstas medidas para garantir a integridade e a segurança dos edifícios existentes, moradores, operários e técnicos, com a mínima interferência possível no dia-a-dia dos bairros que serão servidos. Antes de perfurar, os projetistas analisaram o conjunto de informações sobre o solo, lençol freático, redes de infraestrutura e fundações dos edifícios. Consideraram as normas vigentes para garantir a segurança dos edifícios, ruas, moradores e funcionários. Todos os procedimentos foram descritos e detalhados em um caderno de encargos: posição e velocidade de operação foram previstos de modo a reduzir o risco de acidentes, nível de ruído e trepidação nos edifícios e ruas. Quando o Tatu começou a perfurar, os responsáveis pela obra tiveram que "*ir para outros lugares ... que estavam fora da página*" (Law; Mol 2000: 8) e procurar outras conexões não previstas no projeto. Apesar dos cuidados, a perfuração não funcionou como o previsto e recrutou outros atores. Crateras se abriram em alguns trechos de ruas de Ipanema, dificultando a vida e a mobilidade de moradores e veículos. Foi preciso reavaliar os riscos de desabamento, as interrupções no fornecimento de água, gás e energia, a contratação de obras de reforço e reparo dos danos provocados. Também foi necessário interromper a perfuração. Os cálculos e análises prévios não foram suficientes. Operários adoeciam devido aos efeitos de vazamentos de água, esgoto e gás, outros corriam riscos de acidentes como desabamentos, inundações e choques elétricos. Moradores tiveram que se mudar temporariamente ou passaram mal. Como a performance é uma associação complexa entre o que está presente no projeto e o que não está, o problema não se limita a lidar com uma parte materialmente heterogênea da rede. Existe uma irreduzível *descontinuidade* entre o que está no papel e o que não está, que não se pode perder de vista. A velocidade de perfuração depende do que estava ausente – desabamentos, interdições pela Defesa Civil, Corpo de Bombeiros, Ministério da Saúde ou manifestações populares. Além de *depende* do que está ausente, seu significado depende de *torná-lo* ou não ausente: na rede de relações do projeto impresso elaborado por um grupo de profissionais em um escritório não existe espaço para acidentes, desabamentos ou interdições, que podem ser pensados como *interrupções* ou *lapses* entre presença-ausência e ausência-presença. Essa é a chave para o que é distintivo na estabilização relativa da performance desse objeto: a velocidade da perfuração atinge seu significado, em parte, devido a essa oscilação ou movimento entre uma relação simultânea de presença e ausência. Os outros elementos do projeto operam de modo semelhante. A velocidade do Tatu é limitada pela necessidade de reduzir o risco de acidente. Mas porque é necessário aumentar a velocidade do Tatu? A resposta tem a ver com os Jogos Olímpicos de 2016 e com os custos: se a velocidade aumentar muito, o Tatu pode ficar soterrado em um desabamento de proporções catastróficas. A lista de *Outros* associados que estão ausentes (da folha de

papel) e presentes (eles têm que estar lá) agora inclui os Jogos Olímpicos, as doenças e acidentes dos operários e moradores. Argumentos análogos aplicam-se a outros componentes do projeto: definição do percurso, localização e capacidade das estações, sistema de transporte vertical até a superfície conduzem para o reino da política burocrática (atender quais bairros, qual a relação entre o investimento e a previsão de retorno). Todos os termos do projeto alcançam sua estabilidade em virtude da simultânea ausência e presença de outros materiais e situações, ou seja, a estabilidade emerge da continuada performance das descontinuidades (que, por essa peculiaridade, também podem ser entendidas como continuidades) com esses *Outros* materiais e contextos. Isto se aplica tanto aos componentes do projeto quanto ao projeto como um todo, que toma a forma de um *padrão de brilho estelar*. Várias alteridades são associadas a uma presença central. Existe uma ida e uma volta. As entidades e os mundos irredutíveis em que eles estão localizados são mantidos juntos – e para além – enquanto a forma-fogo se mantém no lugar.

Paradoxalmente, o global já está incluído no local. Não como resultado das redes que se estendem ou dos fluidos que se espalham: mas como? Um 'objeto' da tecnociência – os edifícios e lugares em ação ou qualquer *Outro* objeto - é global. Se ele baixar na Terra, então isso implica que a Terra está inscrita nele. O que sugere que é possível explorar uma versão que pode ser considerada como sua versão global: como ele inclui *Outros*?

**Sobre ícones e ícones icônicos** - o debate crítico nas décadas de 1960 e 1970 retirou do objeto parte de seu protagonismo e o resultado final – o objeto construído – passou a ter uma importância secundária em relação à construção e ao entendimento do discurso que embasava sua concepção. Os conhecidos textos de Peter Eisenman (Hays 2000) sobre os conceitos que norteavam sua produção passaram a assumir maior importância do que os objetos que fundamentavam. O processo passou a ser a chave para se entender a arquitetura. Em meados dos anos 1990, algo de diferente começa a acontecer com a produção dos edifícios, especialmente os projetados pelos "arquitetos-estrela" (Jencks 2005). Os objetos arquitetônicos retomam sua importância enquanto os discursos passam a ter uma importância secundária. Jencks entende que este novo tipo de arquitetura estaria diretamente relacionado com o crescimento econômico das cidades e/ou com a busca por fama instantânea e a publicidade, alterando drasticamente o significado tradicional de monumento arquitetônico. As cidades passaram a competir entre si por ícones, recorrendo a arquitetos internacionais em busca de oferecer um "algo a mais" (Jencks, 2005, p. 19). O autor localiza no Museu Guggenheim de Bilbao, projetado por Frank Gehry (Figura 1) um momento de mudança de paradigma no papel do edifício como objeto inserido na cidade, que passou a ser chamado de "efeito Bilbao" (Jencks, 2005, p.7). A disputa pelas cidades está diretamente ligada a eventos internacionais e ao público que eles potencialmente atraem – como a Copa do Mundo de Futebol e os Jogos Olímpicos (Jencks, 2005, p. 19). O autor não se furta em expor sua opinião – já provou ser conhecedor das principais teorias e manifestos que rondaram a arquitetura contemporânea ao 4 editar uma compilação sobre o tema (Jencks & Kropf, 2006) – além de ter publicado dezenas de livros sobre a Modernidade e a Pós-modernidade. Esta "liberdade" de pensamento possibilita que ele exponha claramente o que pensa sobre o julgamento de um edifício icônico: "Quem realmente se importa quão bom eles são? Um edifício icônico é criado para fazer barulho, para fazer dinheiro e o critério normal de avaliação não se aplica" (Jencks 2005: 21)

Esta "liberdade" de pensamento possibilita que ele exponha claramente o que pensa sobre o julgamento de um edifício icônico: a maneira como cada pessoa reage a possíveis interpretações e metáforas não é importante. O que importa é sua reação espontânea, que revela formas, conceitos, frases e semelhanças com coisas que já conhecem.

Em resumo [...], um novo gênero de arquitetura. Para ser icônico, um edifício precisa oferecer uma nova e condensada imagem, ter força como forma ou Gestalt e se levantar da cidade. Por outro lado, para se tornar poderoso, precisa estar presente como reminiscência de importantes metáforas e ser um símbolo a ser adorado, o que é uma tarefa difícil em uma sociedade secular. (Jencks 2005: 9)

Neste entendimento, os *lugares em ação* são interfaces que aprendem e performam conhecimentos que, modelados por diferentes políticas ontológicas, são ao mesmo tempo localizados e globais – portanto, tem a ver com o modo que o narrador opera sua seleção e exerce sua parcialidade (Haraway 1995).

Desta forma, tanto edifícios como lugares, projetos arquitetônicos e seus autores, clientes e usuários desses projetos, matérias publicadas na imprensa, em artigos, livros, observações de campo, são *atores* presentes nos lugares em ação.

Latour (2002) nos oferece, ainda, uma interessante análise sobre o conceito de “fetiche”. Seguindo o autor, o fetiche possui uma relação etimológica entre aquilo que é feito/produzido pelo homem (portanto, um objeto) com aquilo que é artificial e produz algum tipo de fascínio sobre alguém. O ícone arquitetônico em sua conceituação mais tradicional encontra aqui uma maneira de ser traduzido pela TAR e incluído nas análises do objeto no lugar e seu papel de protagonista: “o fetiche é um fazer-falar” (Latour 2002: 17)

Sob a fantasia do fetiche, agora dissipada, o humano esclarecido percebe que, por isso, não está mais sozinho, que divide sua existência com uma multidão de agentes. O alien que se acreditava eliminado, retorna sob a forma terrivelmente complicada de multidão social. O ator humano nada fez senão trocar uma transcendência por outra [...] (Latour 2002: 28)

Com isso é possível atualizar ou traduzir o entendimento tradicional de **ícone ou arquitetura icônica**, como elemento primário nas análises dos efeitos deste tipo de edificação na percepção do *lugar em ação* Zona Portuária do Rio de Janeiro, propondo diferentes caminhos, que se entrelaçam em múltiplas direções à formulações hegemônicas, que apagam e/ou encobrem outros modos de percepção do lugar.

Apresentam-se ainda os edifícios e os lugares a partir de uma duplicidade que os caracteriza, simultaneamente, como tecnologias e como tipos (Guggenheim 2010). Ao mesmo tempo que são *singulares* – têm localização e forma estável –, eles podem acolher *diferentes usos* – transformados em outro tipo de construção com relativa facilidade, apesar de aparentemente intactos. Por operarem de modo simultâneo com diferentes usos e atores, eles podem ser considerados tecnologias instáveis, **quase-tecnologias** (Guggenheim, 2010) ou **imóveis mutáveis** (Latour, 2000; Guggenheim, 2010). Como decorrência, afirma-se que os edifícios não são objetos estáticos (Latour & Yaneva, 2008). Transformados por seus usuários, pelos novos dispositivos e sistemas tecnológicos, pelas ações que acontecem em seu interior e exterior, eles são objetos em movimento, mesmo depois de construídos. Por fim, são problematizadas a noção de fronteira e a clássica separação linear de território, “[...] que estão sendo reinventadas com base em novas tecnologias, vigilância, fronteiras e tecnologias [...]” (Graham *apud* Farías 2010b, p. 203). Conhecimento situado e ontologias políticas reforçam o entendimento de que edifícios e lugares são transformados em suas configurações, aparências e performances; são **“objetos” prontos para serem usados e sujeitos a futuras modificações**, não “coisas fixas da natureza material” (Knorr-Cetina, 2001, p. 528). Aceitar essa condição amplia os horizontes topológicos para além da espacialidade euclidiana, em direção a *Outras espacialidades*, que se complementam, incluem, misturam e associam.

A possibilidade de atentar para os processos que constituem os edifícios, lugares e cidades, priorizando as ações dos diferentes atores, serviu como motivação para formular um entendimento – inspirado no pensamento de autores (Amin; Graham, 1997; Farías; Bender, 2010; Farías, 2011; Amin; Thrift, 2002) que se ancoram nos referenciais do campo de estudos Ciência-Tecnologia-Sociedade (CTS)<sup>1</sup> e, mais especificamente, da Teoria Ator-Rede (TAR)<sup>2</sup> – sobre os edifícios, lugares, cidades contemporâneos e a diversidade de relações envolvendo pessoas, ambientes e objetos e suas ontologias políticas (Mol, 2008). Tecer os edifícios, lugares e cidades em sua complexidade requer acolher suas diversidades, contradições, movimentos e temporalidades que, ao se articularem, produzem lugares híbridos. A experiência de viver e sentir os edifícios, lugares e cidades implica em encontros e desencontros, conexões constantes entre os diferentes atores humanos e não humanos que, ao se hibridizarem, produzem efeitos sociais, políticos, éticos, subjetivos e estéticos (Rheingantz; Pedro; Szapiro, 2016).

**Performar** uma determinada realidade significa que ela é muito mais produzida do que observada, ou seja, é “manipulada por meio de vários instrumentos, no curso de uma série de diferentes práticas” (Mol 2008: 66). Ao retirar o caráter supostamente estável e determinado da realidade, tecer a cidade implica em acolher diferentes versões ou as múltiplas realidades do urbano em si, cada vez mais intrincadas e difíceis de serem generalizadas (Amin; Thrift 2002). Em suas múltiplas realidades, a cidade é composta simultaneamente:

como uma cidade turística, como um sistema de transporte, como a competência

territorial, como o mercado imobiliário, como playground para skatistas e praticantes de parkour, como espaço do consumo, como a paisagem de poder, como um espaço público para ações políticas e manifestações, como espaço vigiado, como um espaço de trânsito, como um ambiente criativo, como uma tela gigante para grafiteiros e artistas de rua, tais como rede de esgotos etc (Farias 2011: 29).

Tal proposição possibilita que outras entidades sejam incluídas no processo de entendimento dos edifícios, lugares e cidade, contrapondo-se à ideia de uma única verdade presente em outras concepções vigentes, tais como as leituras morfológica, sociológica e sistêmica, ou a “inteligente” – que se apoia na presença de tecnologias de informação e comunicação de modo a enfatizar as dimensões produtiva e competitiva. A qualidade da arquitetura e do urbano não se resume à sua materialidade, à sua geografia ou à sua tecnologia. Ela vai sendo tecida nas possibilidades de conexões que se estabelecem enquanto ocorrem as ações.

## 5. PRODUÇÃO NO PERÍODO DE VIGÊNCIA DA PESQUISA (2014-2018)

### 5.1 Livros Publicados/Organizados ou Edições [02]

- 2016 - AZEVEDO, G. A. N.; TÂNGARI, Vera Regina; RHEINGANTZ, P. A. (Orgs.) Do Espaço Escolar ao Território Educativo: O Lugar da Arquitetura na conversa da Escola de Educação Integral com a cidade. Rio de Janeiro : RioBooks, 2016, v.1. p.201.
- 2016 - RHEINGANTZ, P. A.; PEDRO, Rosa Maria Leite Ribeiro; SZAPIRO, Ana (Orgs.) Qualidade do Lugar e Cultura Contemporânea - modos de ser e habitar as cidades. Porto Alegre : Sulina, 2016, v.1. p.398.

### 5.2 Capítulos de Livros Publicados [06]

- 2016 - AZEVEDO, G. A. N.; TÂNGARI, Vera Regina; RHEINGANTZ, P. A. Apresentação In: Do Espaço Escolar ao Território Educativo: O Lugar da Arquitetura na conversa da Escola de Educação Integral com a cidade.1 ed.Rio de Janeiro : RioBooks, 2016, v.1, p. 10-14.
- 2016 - SZAPIRO, Ana Maria; PEDRO, Rosa Maria Leite Ribeiro; RHEINGANTZ, P. A. Apresentação In: Qualidade do Lugar e Cultura Contemporânea: modos de ser e habitar as cidades.1ed.Porto Alegre : Sulina, 2016, v.1, p. 11-14.
- 2016 - AZEVEDO, G. A. N.; RHEINGANTZ, P. A.; COSTA, R.. N. Educação integral e território educativo: diálogos possíveis em um coletivo complexo In: Do Espaço Escolar ao Território Educativo: o Lugar da Arquitetura na conversa da Escola Integral com a Cidade.1 ed.Rio de Janeiro : RioBooks, 2016, v.1, p. 23-34.
- 2016 - RHEINGANTZ, P. A.; TÂNGARI, Vera Regina. Grupo de Pesquisa Qualidade do Lugar e Paisagem: uma experiência coletiva e dinâmica de produção de conhecimento In: Investigando a arquitetura em sua diversidade: contribuições dos grupos de pesquisa do PROARQ-FAU/UFRJ.1 ed.Rio de Janeiro : Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016, v.1, p. 318-337.
- 2016 - RHEINGANTZ, P. A. Hospitalidade e desejo no ensino de projeto de Arquitetura In: Poéticas do Lugar.1 ed.Porto Alegre: UFRGS, 2016, v.3, p. 44-85.
- 2016 - RHEINGANTZ, P. A. Lugares em Ação, Laboratórios de Urbanidade In: Qualidade do Lugar e Cultura Contemporânea: modos de ser e habitar as cidades.1 ed.Porto Alegre : Sulina, 2016, v.1, p. 85-115.

### 5.3 Artigos Completos Publicados em Periódicos [15]

- 2017 - ANGOTTI, F. B.; SBARRA, Marcelo Hamilton; RHEINGANTZ, P. A.; PEDRO, Rosa Maria Leite Ribeiro A Cidade na Perspectiva Sociotécnica: ontologias políticas, agenciamentos urbanos e lugares híbridos. VIRUS. , v.14, p.1 - 7, 2017.

- 2017 - RHEINGANTZ, P. A.; PEDRO, Rosa Maria Leite Ribeiro; ANGOTTI, F. B.; SBARRA, Marcelo Hamilton Arena do Morro e Museu do Amanhã: dois lugares em ação. URBE. REVISTA BRASILEIRA DE GESTÃO URBANA. , v.9, p.387 - 400, 2017.
- 2017 - DALBEM, Renata; CUNHA, E. G.; RHEINGANTZ, P. A.; VICENTE, R.; ANTONIO C. B. DA SILVA Atender às normas de desempenho é indicativo de conforto térmico na edificação de uso habitacional?. ARQUITEXTOS (SÃO PAULO). , v.1, p.1 - 10, 2017.
- 2017 - PAULO A. RHEINGANTZ; EDUARDO G. DA CUNHA; JAQUELINE DA S. PEGLOW; VIVIANE RITTER; LUIZA C. QUINTANA; THALITA DOS S. MACIEL; CAROLINA BELTRAME; CAROLINA DE M. DUARTE; ANTONIO C. B. DA SILVA. Place, Architecture Design and Thermal Comfort: A Municipal Day Care Childhood Center in Colônia Z3, Pelotas/RS, Brazil. Journal of Civil Engineering and Architecture. , v.11, p.364 - 379, 2017.
- 2017 - RHEINGANTZ, P. A. Sobre urubus, sabiás e sucupiras Processo de avaliação da produção em arquitetura e urbanismo. DROPS (SÃO PAULO). , v.1, p.1 - 5, 2017.
- 2016 - RHEINGANTZ, P. A. Abordagem Sociotécnica do Projeto de Arquitetura. Cadernos de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo (Mackenzie. Online). , v.16, p.64 - 91, 2016.
- 2016 - CARVALHO, R. S.; Heitor, T.; RHEINGANTZ, P. A. Colônia lunar Uma experiência didática de projeto-relâmpago no mestrado integrado em arquitetura do Instituto Superior Técnico de Lisboa. ARQUITEXTOS (SÃO PAULO). , v.192.00, p.s/d - s/p, 2016.
- 2016 - RHEINGANTZ, P. A. Espacialidades. Arqutextos (São Paulo). , v.190.02, p.1 - 10, 2016.
- 2016 - RHEINGANTZ, P. A. Por que hipótese em teses não hipotético-dedutivas?. Arqutextos (São Paulo). , v.17, p.1 - 5, 2016.
- 2016 - RHEINGANTZ, P. A. PROJETO DE ARQUITETURA: PROCESSO ANALÓGICO OU DIGITAL?. GESTÃO & TECNOLOGIA DE PROJETOS. , v.11, p.95 - 102, 2016.
- 2015 - PEDRO, Rosa Maria Ribeiro Leite; SZAPIRO, Ana Maria; RHEINGANTZ, P. A. Dispositivos de vigilância e as cidades: tecnologia, política e vida cotidiana. P o l i s e P s i q u e. , v.5, p.26 - 44, 2015.
- 2015 - RHEINGANTZ, P. A.; CUNHA, E. G.; KREBS, C. L. M. Ensino de Projeto de Arquitetura no Limiar do Século XXI: desafios frente à dimensão ambiental e tecnológica. Revista PROJETAR - Projeto e Percepção do Ambiente. , v.1, p.12 - 25, 2015.
- 2015 - RHEINGANTZ, P. A. Museu do Amanhã Ou o esqueleto-cyborg de um crocodilo gigante com duas bocas?. Minha Cidade. , v.1, p.1 - 7, 2015.
- 2014 - RHEINGANTZ, P. A. Sobre ciência, conhecimento e arquitetura. Arqutextos (São Paulo). , v.1, p.1 - 7, 2014.
- 2014 - PEDRO, Rosa Maria Leite Ribeiro; RODRIGUES, A. P. C.; COSTA, A. J. P.; GONCALVES, C. S.; DAVID, J. S.; ALBUQUERQUE, L. S. G.; RHEINGANTZ, P. A.; CASTRO, Rafael B. Tecnologias de vigilância e visibilidade em cena: algumas controvérsias. P o l i s e P s i q u e. , v.4, p.51 - 79, 2014.

#### 5.4 Trabalhos Completos Publicados em Anais de Congressos [11]

- 2017 - QUINTANA, L. C.; MACIEL, T. S.; DUARTE, C. M.; LEITZKE, R. K.; PEGLOW, J. S.; RHEINGANTZ, P. .; CUNHA, E. G. AVALIAÇÃO DO NÍVEL DE CONFORTO TÉRMICO DE DOIS PROJETOS DE EMEIS A SEREM CONSTRUÍDAS NA CIDADE DE PELOTAS/RS – ZB2 In: Anais [do] XIV Encontro Nacional de Conforto do Ambiente Construído / X Encontro Latinoamericano de Conforto do Ambiente Construído: Habitat Humano: em busca de conforto ambiental, eficiência energética e sustentabilidade no século XXI, 2017, Camboriú. Anais do XIV Encontro Nacional de Conforto do Ambiente Construído / X Encontro Latinoamericano de Conforto do Ambiente Construído. Porto Alegre: ANTAC, 2017. v.1. p.594 - 603

- 2017 - GONCALVES, I. P.; CUNHA, E. G.; RHEINGANTZ, P. A. Estudo da Relação Custo-benefício na Implantação de Diferentes Sistemas Fotovoltaicos em um Edifício de Escritórios na ZB 2 In: Encontro Nacional de Conforto do Ambiente Construído, 2017, Camboriú. Anais [do] XIV Encontro Nacional de Conforto do Ambiente Construído / X Encontro Latinoamericano de Conforto do Ambiente Construído: Habitat Humano: em busca de conforto ambiental, eficiência energética e sustentabilidade no século XXI. Porto Alegre: ANTAC, 2017. v.1. p.1388 - 1397
- 2017 - MODLER, N. L.; RHEINGANTZ, P. A.; AZEVEDO, G. A N. O Projeto do Ambiente Escolar Infantil In: V SBQP 2017 - Simpósio Brasileiro de Qualidade do Projeto no Ambiente Construído, 2017, João Pessoa. Anais do V SBQP 2017. Porto Alegre: Associação Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído, 2017. v.1. p.1 - 12
- 2017 - RHEINGANTZ, P. A.; CUNHA, E. G. Sobre Pregos, Martelos e Atores: considerações sobre políticas ontológicas, avaliação pós-ocupação e simulação In: V SBQP - Simpósio Brasileiro de Qualidade do Projeto no Ambiente Construído, 2017, João Pessoa. Anais do V SBQP 2017. Porto Alegre: Associação Nacional do Ambiente Construído / Universidade Federal de Viçosa, 2017. v.1. p.10 -
- 2017 - SBARRA, M.H.; ANGOTTI, F. B.; RHEINGANTZ, P. A.; PEDRO, R. Zona Portuária/RJ: Teoria Ator-Rede, Edifícios e Lugares Urbanos em Ação In: V SBQP 2017 - Simpósio Brasileiro de Qualidade do Projeto no Ambiente Construído, 2017, João Pessoa. Anais do V SBQP 2017. Porto Alegre: Associação Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído, 2017. v.1. p.1 - 13
- 2016 - PEGLOW, J. S.; RITTER, V. M.; RONCA, A. V.; PEREIRA, R. C.; CUNHA, E. G.; RHEINGANTZ, P. A. AVALIAÇÃO DO CONFORTO TÉRMICO DE ESCOLA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL EM PELOTAS/RS – ZB2 In: XVI Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído Desafios e Perspectivas da Internacionalização da Construção, 2016, São Paulo. Anais do XVI Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído Desafios e Perspectivas da Internacionalização da Construção. São Paulo: Antac, 2016. v.1. p.1354 - 1369
- 2015 - ANGOTTI, F. B.; RHEINGANTZ, P. A.; ALCANTARA, D. DE. Cartografias e controvérsias na Rua do Lavradio: uma estratégia inovadora no entendimento do coletivo-lugar In: 7 Projetar - 2015 - Originalidade, Criatividade e Inovação no projeto contemporâneo: ensino, pesquisa e prática, 2015, Natal RN. Anais do 7 Projetar - 2015 - Originalidade, Criatividade e Inovação no projeto contemporâneo: ensino, pesquisa e prática. Natal RN: PPGAU/UFRJ, 2015. v.1. p.1 - 14
- 2015 - TÂNGARI, Vera Regina; RHEINGANTZ, P. A.; FARIA, A. B. G. Da pesquisa ao ensino: aplicando o conceito de território educativo ao projeto de escola na FAU-UFRJ In: 7 Projetar - 2015 - Originalidade, Criatividade e Inovação no Projeto de Arquitetura: ensino, pesquisa e prática, 2015, Natal/RN. Anais do 7 Projetar - 2015 - Originalidade, Criatividade e Inovação no Projeto de Arquitetura: ensino, pesquisa e prática. Natal RN: PPGAU/UFRN, 2015. v.1. p.1 - 15
- 2015 - RHEINGANTZ, P. A.; CUNHA, E. G.; KREBS, C. L. M. Ensino de Projeto de arquitetura no limiar do século XXI: desafios frente às dimensões ambiental e tecnológica In: 7 Projetar - 2015 - Originalidade - Criatividade e Inovação no projeto contemporâneo: ensino, pesquisa e prática, 2015, Natal RN. Anais do 7 Projetar - 2015 - Originalidade, Criatividade e Inovação: ensino, pesquisa e prática. Natal: PPGAU/UFRN, 2015. v.1. p.1 - 22
- 2014 - ANGOTTI, F. B.; RHEINGANTZ, P. A.; ALCANTARA, D. DE. Entrelaçando narrativas e traduções no coletivo-lugar Rua do Lavradio In: VIII ENCONTRO REGIONAL RIO DE JANEIRO DA ABRAPSO - O psicólogo social na cidade: ações territoriais, lutas políticas e subjetividade, 2014, Rio de Janeiro. Anais do VIII ENCONTRO REGIONAL RIO DE JANEIRO DA ABRAPSO - O psicólogo social na cidade: ações territoriais, lutas políticas e subjetividade. Rio de Janeiro: ABRAPSO - Associação Brasileira de Psicologia Social, 2014. v.1. p.96 - 107
- 2014 RHEINGANTZ, P. A.; AZEVEDO, Giselle Arteiro Nielsen. Processo e Prática da Auto-avaliação no Atelier de Projeto de Arquitetura In: III Enanparq - arquitetura, cidade e projeto: uma produção coletiva, 2014, São Paulo. Anais do III encontro da associação Nacional de Pesquisa e

Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. São Paulo; Campinas: Universidade Presbiteriana Mackenzie; Pontifícia UNiversidade Católica de Campinas, 2014. v.1. p.1 - 14

### **5.5 Demais produções técnicas**

- 2016 - RHEINGANTZ, P. A. ARQUITETURA ESCOLAR PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL: abordagem transdisciplinar para a avaliação e a concepção de creches para a Prefeitura Municipal de Pelotas e Região Sul do Rio Grande do Sul, 2016. (Relatório de pesquisa)
- 2016 - RHEINGANTZ, P. A. GLOSSÁRIO DE TERMOS DE FILOSOFIA E DE MÉTODOS DE PESQUISA, 2016. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional)
- 2016 - RHEINGANTZ, P. A. TECENDO A QUALIDADE DO LUGAR NA CULTURA CONTEMPORÂNEA: cartografando controvérsias em lugares híbridos, 2016. (Relatório de pesquisa)
- 2015 - RHEINGANTZ, P. A. Tecendo a Qualidade do Lugar na Cultura Contemporânea: cartografando controvérsias em lugares híbridos, 2015. (Relatório de pesquisa)
- 2014 - RHEINGANTZ, P. A. TECENDO A QUALIDADE DO LUGAR: cartografando narrativas e experiências de urbanidade, (Relatório de pesquisa)

### **5.6 Artigos em jornal de notícias**

- 2015 - RHEINGANTZ, P. A. Paralelepípedos, asfalto, ruas, ciclovias, calçadas, etc. .... Diário Popular. Pelotas/RS, p.5 - maio 2015.

### **5.7 Demais produções bibliográficas**

- 2017 - RHEINGANTZ, P. A.; PEDRO, R. M. L. R.; ANGOTTI, F. B.; SBARRA, M. H. Arquitetura, interfaces e conexões: uma discussão sobre os 'lugares em ação'. Entrevista Blog Scielo. São Paulo: Blog SciELO em Perspectiva – Humanas (Outra produção bibliográfica)

### **5.8 Membro de Conselho Editorial de Periódico Indexado**

- 2009/atual - Gestão & Tecnologia de Projetos
- 2016/atual - Revista Projetar
- 2017/atual - Pixo - revista de arquitetura, cidade e contemporaneidade
- 2018/atual - Revista de Arquitectura da Universidade do Chile [SciELO, ISI, SCOPUS]

### **5.9 Revisor de Periódico Indexado**

- 2012/atual - Urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana (Curitiba)
- 2010/atual - Cadernos do PROARQ (UFRJ)
- 2009/atual - Gestão & Tecnologia de Projetos (São Carlos/SP)
- 2008/atual - Arqtextos (São Paulo)
- 2006/2012 - Ambiente Construído (São Paulo)
- 2017/atual – Revista PARC (Campinas)
- 2016/atual – Revista Thesis (ANPARQ)

### **5.10 Palestras e Conferências [07]**

- 2015 - RHEINGANTZ, P. A. Autonomia, desejo e autoavaliação no ensino de projeto de arquitetura. (Conferência na Escola da Cidade, São Paulo)
- 2015 - RHEINGANTZ, P. A.; CUNHA, E. G.; KREBS, C. L. M. Ensino de Projeto de arquitetura no limiar do século XXI: desafios frente às dimensões ambiental e tecnológica, 2015. (Mesa Redonda PROJETER 2015)



2015 - RHEINGANTZ, P. A. Hospitalidade e Desejo no Ensino de Projeto de Arquitetura, (Conferência ou palestra, Apresentação de Trabalho)

2015 - RHEINGANTZ, P. A. Políticas Ontológicas, Conhecimento Situado e Espacialidades, 2015. (Conferência ou palestra, Apresentação de Trabalho)

2014 - RHEINGANTZ, P. A.; AZEVEDO, Giselle Arteiro Nielsen. Processo e Prática da Auto-avaliação no Atelier de Projeto de Arquitetura, 2014. (Congresso, Apresentação de Trabalho)

#### 5.11 Consultoria Ad Hoc

2007 / atual - Consultor ad Hoc CAPES

2009 / 2012 - Consultor Ad Hoc da FAPESP

2003/atual - Consultor Ad-Hoc CNPq

#### 5.12 Comitê Científico e Organização de Evento

- SBQP 2017 – Organização, Coordenação e Comitê Científico
- ENANPARQ 2014 – Comitê Científico
- PROJETAR 2015 – Comitê Científico
- Estâncias & Querências em Derrida 2015 – Comitê Científico
- II Workshop Qualidade do Lugar e Cultura Contemporânea: modos de ser e habitar as cidades 2016 – Organização e Comitê Científico
- CASA PASSIVA BRASIL 2016 - I Seminário Internacional e Workshop, 2016 – Organização
- PROJETAR 2017 – Comitê Científico
- V ENANPARQ 2018 – Comitê Científico

#### 5.13 Orientações e Supervisões Concluídas

##### • Teses como Orientador Principal [01]

2014 Ramon Silva de Carvalho. Contribuições da Teoria ator-rede para o ensino de projeto de arquitetura. Tese (Arquitetura) - Universidade Federal do Rio de Janeiro

##### • Teses como Co-orientador [02]

2014 Macklaine Miletho Silva Miranda. Análise qualitativa do sistema de espaços livres em Porto Alegre – Parques. Tese (arquitetura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro

2015 Claudia Rioja de Aragão Vargas. Diálogo ator-rede em arquitetura-urbanismo: qualidade do lugar em food services. Tese (Arquitetura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro

##### • Dissertações como Coorientador [02]

2017 Isabel Piúma Gonçalves. O impacto do RTQ-C no método projetual e na gestão do projeto arquitetônico **de edifícios comerciais**. Dissertação (Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Pelotas

2014 Rodrigo da Cunha Nogueira. O processo participativo de projeto do assentamento Vida Nova em Barra do Piraí/RJ: um olhar retrospectivo sobre o método implementado. 2014. Dissertação (Arquitetura) - Universidade Federal do Rio de Janeiro

##### • Orientações de Iniciação Científica [08]

2017 - Maria Julie Botelho dos Santos. Tecendo a Qualidade do Lugar: cartografando controvérsias de urbanidade em territórios educativos. Iniciação científica (Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal do Rio de Janeiro

2016-2017 - Luiza Quintana Coelho. Arquitetura Escolar para a Educação Infantil: abordagem transdisciplinar para a avaliação e a concepção de creches para a Prefeitura Municipal de Pelotas

e Região Sul do Rio Grande do Sul. Iniciação científica (Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Pelotas

2016 - Bruna Rogovski. Arquitetura Escolar para a Educação Infantil: abordagem transdisciplinar para a avaliação e a concepção de creches para a Prefeitura Municipal de Pelotas e Região Sul do Rio Grande do Sul. Iniciação científica (Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Pelotas

2016 - Kelly Cristine Rodrigues Novaes. Tecendo a Qualidade do Lugar: cartografando controvérsias de urbanidade em territórios educativos. Iniciação científica (Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal do Rio de Janeiro

2015-2016 - Amanda Viveiros Ronca. Arquitetura Escolar para a Educação Infantil: abordagem transdisciplinar para a avaliação e a concepção de creches para a Prefeitura Municipal de Pelotas e Região Sul do Rio Grande do Sul. Iniciação científica (Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Pelotas

2015 –2016 - Alessandra Costa. Tecendo a qualidade do Lugar:Complexidade e Diversidade em Food Services. Iniciação científica (Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal do Rio de Janeiro

2015 - Lorrana Arruda Rovere Guimarães. Tecendo a qualidade do Lugar:Complexidade e Diversidade em Food Services. Iniciação científica (Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal do Rio de Janeiro

2014 - Domitila Velasco Vanzillotta. Tecendo a qualidade do Lugar:Complexidade e Diversidade em Food Services. Iniciação científica (Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal do Rio de Janeiro

#### 5.14 Orientações e Supervisões em Andamento

- Teses como Orientador Principal [04]

2017 – Giselle Cerise Gersoni. O Olhar das Crianças sobre o Ambiente Urbano: percepção, uso e concepção dos espaços livres públicos em áreas de baixa renda. 2017. Tese (Arquitetura) - Universidade Federal do Rio de Janeiro

2016 - Marcelo Hamilton Sbarra. Alterações no entorno do ambiente construído do Porto Maravilha: A espetacularização do lugar e as transformações no conjunto de edifícios na perspectiva da Teoria- Ator-Rede. Tese (Doutorado em Arquitetura) - Programa Pos-graduacao em Arquitetura - UFRJ

2016 - Nebora Lazzarotto Modler. ARQUITETURA PARA A EDUCAÇÃO NA PRIMEIRA INFÂNCIA Recomendações projetuais embasadas no contexto de Erechim/RS. 2016. Tese (Arquitetura) - Universidade Federal do Rio de Janeiro

2015 - Fabiola Belinger Angotti. PORTO MARAVILHA EM AÇÃO: SITUANDO QUALIDADE DO LUGAR E SUAS PERSPECTIVAS DE POLÍTICAS ONTOLÓGICAS. 2015. Tese (Arquitetura) - Universidade Federal do Rio de Janeiro

- Teses como Coorientador [02]

2012/2015 – Claudia Rioja Vargas. Traduções de um Lugar: Os Serviços destinados à Alimentação Fora do Lar. Tese (Arquitetura) - Universidade Federal do Rio de Janeiro

2012/2015 – Macklaine Miletho Silva Miranda. Análise qualitativa do sistema de espaços livres em Porto Alegre – Parques 2015. Tese (Arquitetura) - Universidade Federal do Rio de Janeiro

- Dissertações como Orientador Principal [01]

2017 - Mariana Marques Almeida. Entre a casa e a cidade: o lugar da criança acolhida institucionalmente. Dissertação (Arquitetura) - Universidade Federal do Rio de Janeiro

- Dissertações como Coorientador [01]

2017 - Carolina Machado Beltrame. Conforto Térmico em Áreas Externas Desempenho Ambiental de Pátio de Escola Municipal de Educação Infantil em Pelotas, RS. Dissertação (Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Pelotas

- **Orientações de Iniciação Científica [03]**

2018 - Julio Cesar Moreira Cruz Júnior. Tecendo a qualidade do lugar: Cartografando controvérsias de urbanidade em territórios educativos. 2018. Iniciação científica (Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal do Rio de Janeiro

2017 - Franciele Petri de Freitas. Arquitetura Escolar para a Educação Infantil: avaliação do desempenho socioambiental e termoenergético das novas creches municipais de Pelotas. 2017. Iniciação científica (Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Pelotas

2016 - Thalita dos Santos Maciel. Arquitetura escolar para a educação infantil: avaliação do desempenho socioambiental e termoenergético das novas creches municipais de Pelotas. Iniciação científica (Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Pelotas

### 5.15 Participação em Bancas

[cf. Currículo Lattes link: <http://lattes.cnpq.br/7765118835668681>]

- Mestrado: 08 (oito)
- Qualificação ao Mestrado: 04 (quatro)
- Doutorado: 05 (cinco)
- Qualificação ao Doutorado: 06 (seis)

### 5.16 Participação em Bancas e Comissões Julgadoras

- ENANPARQ 2014 - Comissão Julgadora do Prêmio Anparq 2014, categoria ARTIGO CIENTÍFICO, na fase de premiação.
- ENANPARQ 2016 - Comissão de Pareceristas do Prêmio ANPARQ 2016, Modalidade Tese

## 6. DISCIPLINAS E CURSOS MINISTRADOS

- **Mestrado**

2015, 2016, 2017, 2018 Teoria e Prática do Ensino de Projeto de Arquitetura – PROGRAU/FAURB-UFPEL

- **Doutorado**

2016 - Seminários de Pesquisa – Dinter PROARQ/FAU-UFRJ com Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFFS/Erechim-RS

2016 - Teoria e Prática do Ensino de Projeto de Arquitetura – Dinter PROARQ/FAU-UFRJ com Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFFS/Erechim-RS

2016 - Concurso Público de Provas e Títulos para o Cargo de Professor Efetivo do Magistério Superior na classe (Edital 008/2015-PROGESP) Universidade Federal do Rio Grande do Norte

## 7. OUTROS PROJETOS DE PESQUISA EM ANDAMENTO NO PERÍODO

### 2016/atual - Adaptação de índices de conforto térmico urbano para o Sul do Brasil: estudo de caso nas Zonas Bioclimáticas 02 e 03

**Descrição:** O objetivo principal da pesquisa é prover a adaptação dos índices de conforto térmico internacionalmente mais utilizados para ambientes interno e externos a contextos locais no Sul do Brasil

utilizando-se, para isto, estudos na Zona Bioclimática 02. Neste trabalho interinstitucional serão desenvolvidas medições in loco das variáveis analisadas nas instalações da FAUrb / UFPel (temperatura do ar, temperatura média radiante, umidade relativa do ar, direção e velocidade do vento), e serão realizadas entrevistas sobre a sensação de conforto de usuários dos mesmos espaços físicos. Posteriormente, através do emprego de método estatístico, as respostas serão analisadas conjuntamente com os resultados das medições, a fim de estabelecer-se os limites das variáveis para o conforto térmico percebido. A partir daí, será traçado um comparativo entre os resultados obtidos e os limites praticados pelos índices de conforto térmico internacionais (atualmente empregados nas pesquisas da área, no Brasil). A pesquisa prevê a adaptação dos seguintes índices de conforto térmico: Physiological Equivalent Temperature (PET), Predicted Mean Vote (PMV), Standard Effective Temperature (SET) e Universal Thermal Climate Index (UTCI) e ASHRAE Standard 55 (Adaptive Thermal Comfort Standard). Objetiva-se, com os conhecimentos adquiridos, a contribuição para o conhecimento dos métodos nos ajustes de índices de conforto térmico internacionais para o contexto local. Utiliza-se para este estudo dois casos: a cidade de Pelotas-RS, no Sul do Brasil, pertencente a Zona Bioclimática 02..

**Alunos envolvidos:** Graduação (4); Especialização (0); Mestrado acadêmico (1); Mestrado profissionalizante (0); Doutorado (2);

**Integrantes:** Paulo Afonso Rheingantz; Eduardo Grala da Cunha (Responsável); Lisandra Fachinello Krebs; Nebora Lazzarotto Modler; CAROLINA BELTRAME; Dara Elisa dos Santos Bandeira; Beatriz Maria Fedrizzi; Marina Trentin; Erik Johansson; Rodrigo Karini Leitzke

**Financiador(es):** Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq

**Número de produções C,T & A:** 5

### **2015/atual - DO ESPAÇO ESCOLAR AO TERRITÓRIO EDUCATIVO: O lugar da arquitetura na conversa da escola de educação integral com a cidade do Rio de Janeiro**

**Descrição:** Descrição: Este projeto se vincula à linha de pesquisa Cultura, Paisagem e Ambiente Construído do Programa de Pós-graduação em Arquitetura ? PROARQ-FAU/UFRJ, dá continuidade e busca entrelaçar os conhecimentos produzidos pelos grupos de pesquisa Ambiente-Educação (GAE), Qualidade do Lugar e da Paisagem (ProLUGAR) e Sistema de Espaços Livres no Rio de Janeiro (SEL-RJ), relacionados à reflexão sobre a qualidade do lugar e da paisagem dos ambientes educacionais. A partir da aplicação conjunta dos conceitos, métodos e instrumentos de pesquisa utilizados pelos três grupos, essa pesquisa procura integrar uma rede de conhecimento em torno de uma base teórica comum ? os lugares pedagógicos, tendo em vista a elaboração de diretrizes e estratégias de projeto como ferramentas de apoio à concepção e à avaliação do ambiente escolar para a Educação Integral, integrando aspectos ambientais, pedagógicos, culturais e socioeconômicos. Ao reconhecer o potencial educativo dos ambientes escolares, essa pesquisa procura enriquecer o debate sobre o movimento de Educação Integral que retoma sua força na atualidade da educação pública nos municípios brasileiros, colaborando com a construção de diretrizes que fundamentem concepção desses novos ambientes escolares. Para tal, amplia o entendimento deste "lugar-escola" considerando o sistema de espaços livres e outros equipamentos públicos da cidade como territórios educativos e parte inseparável dos "lugares pedagógicos".

**Alunos envolvidos:** Graduação (3); Especialização (0); Mestrado acadêmico (3); Mestrado profissionalizante (0); Doutorado (3);

**Integrantes:** Paulo Afonso Rheingantz; Vera Regina Tângari; José Ricardo Flores Faria; Beatriz de Gouvêa Marti Ferrão; Giselle Arteiro Nielsen Azevedo (Responsável); Alessandra Costa; Nebora Lazzarotto Modler; Ana Beatriz Goulart de Faria ; Rafael Ferreira Diniz Gomes ; Felipe Rohen de Queiroz Pereira ; Alain Lennart Flandes Gómez

**Número de produções C,T & A:** 13

**Número de orientações:** 1;

### **2015/atual - CASA BIOCLIMÁTICA NZEB E QUALIDADE DO LUGAR: Entrelaçando Experiências – Portugal e Rio Grande do Sul/Brasil Casa Bioclimática NZEB: Compartilhando Experiências para o caso Brasileiro**

**Descrição:** O projeto pesquisa tem por objetivo a adaptação do projeto da Casa Bioclimática desenvolvida em dissertação de mestrado aos preceitos da Standard europeia da Passive House. No âmbito da primeira vertente da pesquisa o projeto desenvolvido na dissertação de Mestrado da Arquiteta Juliana Pouey intitulada Simulação do desempenho de estratégias bioclimáticas em locais de grande variação climática – Projeto de Edificação Residencial para Zona Bioclimática 2 (defendida no ano de 2011), será reavaliada com base nas diretrizes da Standard Passivhaus Europeia, como também observando novas simulações termoenergéticas para avaliação de desempenho. Existe a previsão da construção da Casa Bioclimática no

Campus Anglo da Universidade Federal de Pelotas. O projeto da Casa Bioclimática é fruto da referida dissertação de mestrado. A pesquisa para a avaliação e readequação do projeto às novas diretrizes europeia será desenvolvida em 4 etapas, caracterizadas (Quadro 1). Quadro 1 – Etapas da Pesquisa de Avaliação e Readequação da Casa Bioclimática NZEB Etapa Descrição I – Revisão de Literatura Revisão do Regulamento Português de Eficiência Energética; Revisão da Standard Europeia Passivhaus. Observação das novas demandas tecnológicas da Standard Passivhaus. II- Revisão do Projeto da Casa Bioclimática e adaptação aos novos padrões europeus de desempenho energético; Revisão do projeto desenvolvido pela arquiteta Juliana Pouey a ser construído no campus Anglo da Universidade Federal de Pelotas; III- Simulação termoenergética do novo projeto; Observação do desempenho do novo projeto frente aos regulamentos brasileiros e europeu com base na realização de simulação computacional; IVDesenvolvimento do Projeto Executivo da Casa Bioclimática Luso-Brasileira Confecção do projeto executivo de arquitetura, e de instalações; Confecção de caderno de encargos e orçamento.

**Alunos envolvidos:** Graduação (1); Mestrado acadêmico (2);

**Integrantes:** Paulo Afonso Rheingantz; Eduardo Grala da Cunha (Responsável); Lisandra Fachinello Krebs; Antonio Cesar Silveira Baptista da Silva; Celina Maria Britto Correa; Isabel Tourinho Salamoni; Larissa Cristina de Oliveira; Julye Moura Ramalho de Freitas; Renata Dalbem

**Financiador(es):** Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul-FAPERGS

#### **2014 /atual - Arquitetura Escolar para a Educação Infantil: abordagem transdisciplinar para a avaliação e a concepção de creches para a Prefeitura Municipal de Pelotas e Região Sul do Rio Grande do Sul**

**Descrição:** Proposta de pesquisa transdisciplinar vinculada ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas (PROGRAU/FAURB/UFPEL), programa em consolidação credenciado pela Capes em 2007 e iniciado em 2008. Busca contribuir para o desenvolvimento da pesquisa a partir da experiência do candidato a professor visitante nacional sênior (a) com a produção do conhecimento e da pesquisa transdisciplinar nos grupos de pesquisa Grupo Ambiente-Educação (GAE) e Qualidade do Lugar e da Paisagem (ProLUGAR) do Programa de Pós-graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, grupos de referência nos seus campos de atuação – Arquitetura Escolar, Avaliação Pós-Ocupação, Percepção Ambiental e Qualidade do Lugar; (b) com pesquisa sobre ensino de projeto com ênfase na Pedagogia da Autonomia e com a criação do grupo de pesquisa Ensino de Arquitetura (2000) para a qualificação de docentes do ensino superior na área da arquitetura e urbanismo; (c) com a editoria do periódico Cadernos Proarq (2010/2011), classificação B2 na base Qualis-Periódicos/Capes. A partir da atuação conjunta com professores e alunos do PROGRAU/UFPEL, deve produzir conhecimento e documentos de referência com diretrizes, estratégias e ferramentas de apoio à concepção e à avaliação do ambiente escolar para a educação infantil integrando aspectos ambientais, pedagógicos, culturais e socioeconômicos.

**Alunos envolvidos:** Graduação (5); Especialização (0); Mestrado acadêmico (1); Mestrado profissionalizante (0); Doutorado (1);

**Integrantes:** Paulo Afonso Rheingantz (Responsável); ; Giselle A N Azevedo; Medvedovski, Nirce S.; Portella, Adriana; Eduardo Grala da Cunha; Ana Beatriz Goulart de Faria; Amanda Viveiros Ronca; Viviane Mulech Ritter; Thalita dos Santos Maciel; Carolina de Mesquisa Duarte; JAQUELINE DA S. PEGLOW; LUIZA C. QUINTANA; CAROLINA BELTRAME; Franciele Petri de Freitas; Rosa Maria Leite Ribeiro Pedro

**Financiador(es):** (CAPES) Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-

**Número de produções C,T & A:** 20

**Número de orientações:** 8;

#### **2014/atual - ARQUITETURA ESCOLAR PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL: avaliação do desempenho socioambiental e termoenergetico das novas creches municipais de Pelotas**

**Descrição:** Este projeto está vinculado a projeto de pesquisa ARQUITETURA ESCOLAR PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL: abordagem transdisciplinar para a avaliação e a concepção de creches para a Prefeitura Municipal de Pelotas e Região Sul do Rio Grande do Sul contemplado com bolsa de Professor Visitante Nacional Sênior da Capes. A pesquisa será realizada em parceria com docentes e alunos do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU) da FAURB/UFPEL tendo como objeto de estudo o conjunto de 15 (quinze) novas Escolas Municipais de Educação Infantil – projeto-padrão desenvolvido pelo Fundo Nacional

de Desenvolvimento da Educação (FNDE/MEC), Programa ProInfância (PAC2) - Sub-projeto do Projeto de pesquisa ARQUITETURA ESCOLAR PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL: abordagem transdisciplinar para a avaliação e a concepção de creches para a Prefeitura Municipal de Pelotas e Região Sul do Rio Grande do Sul, contemplado com bolsa do pPrograma Pesquisador Nacional Visitante Sênior/Capes

**Alunos envolvidos:** Graduação (3); Especialização (0); Mestrado acadêmico (1); Mestrado profissionalizante (0); Doutorado (2);

**Integrantes:** Paulo Afonso Rheingantz; Eduardo Grala da Cunha (Responsável); Jaqueline da Silva Peglow; Carlos Leocádio Monteiro Krebs; Nebora Lazzarotto Modler; Viviane Mulech Ritter; Thalita dos Santos Maciel; Carolina de Mesquisa Duarte; Antonio César Silveira Baptista da Silva; Franciele Petri de Freitas; Liader da Silva Oliveira; Carolina Machado Beltrame

**Financiador(es):** (CAPES) Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

**Número de produções C,T & A:** 6

**Número de orientações:** 3;

#### 9. QUADRO DEMONSTRATIVO DE DESPESAS COM TAXA DE BANCADA MARÇO 2014 a FEVEREIRO 2018

QUADRO-RESUMO PAGO PELO CNPQ [TAXA DE BANCADA MAR/2014-FEV/2018]		
Descrição	Total Item	Valor Acumul/Saldo
Total pago pelo CNPq	48.000,00	48.000,00
Valor transferido da concessão anterior	861,43	48.861,63
QUADRO-RESUMO PAGO PELO CNPQ [TAXA DE BANCADA MAR/2014-FEV/2018]		
QUADRO-RESUMO DAS DESPESAS COM A TAXA DE BANCADA MAR/2014-FEV/2018		
9.1 Serviços Pessoa Jurídica	1.260,10	47.601,53
9.2 Diárias	3.200,00	44.401,53
9.3 Outros	11.200,02	33.201,51
9.4 Passagens	10.113,24	23.088,38
9.5 Livros e Equipamentos	23.087,97	0,00
<b>Total de Gastos com Taxa de Bancada em 28/02/2018</b>	<b>48.861,63</b>	<b>0,00</b>